

# Complexo Industrial-Militar-Farmacêutico e a Construção da Hegemonia Norte-Americana no Séc. XXI

*Douglas Rundvalt<sup>1</sup>*

*Edu Silvestre de Albuquerque<sup>2</sup>*

## **Resumo**

Os poderes hegemônicos tendem a se reinventar em períodos de crise. Uma das alternativas para a saída da crise atual surge ainda durante o período da Guerra Fria, cujos avanços tecnológicos oriundos do campo militar permitiram aos Estados Unidos superarem a crise dos 1970-80, e que novamente podem sinalizar uma sobrevivência econômica àquele país e ao sistema capitalista. Analisamos aqui uma ramificação do Complexo Industrial-Militar (CIM), absoluto no período da Guerra Fria, mas que agora agrega inovações biotecnológicas de forma a tornar-se um Complexo Industrial-Militar-Farmacêutico (CIMF). Será demonstrada a ligação existente entre os principais atores desse complexo, formado por Estado, militares e empresas privadas, através do estudo de caso do antiviral TAMIFLU.

**Palavras-chave:** Complexo Industrial-Militar; Biotecnologia; Defesa.

## **Pharmaceutical Military Industrial Complex and construction of U.S. Hegemony in the XXI Century**

### **Abstract**

The hegemonic powers tend to reinvent themselves in times of crisis. An alternative to the output of the current crisis appears even during the Cold War, from which the technological advances have allowed the military to the United States overcome the crisis of 1970-80, and again may signal an economic survival that country and the system capitalist. Here we analyzed a branch of the Military-Industrial Complex (MIC), absolute during the Cold War, but now adds biotechnological innovations in order to become a Military-Industrial Complex Pharmaceutical (MICP). It will be

<sup>1</sup>Mestrando do Programa de Mestrado em Gestão do Território da UEPG.

<sup>2</sup>Doutor em Geografia. Docente da UFRN e professor colaborador do Programa de Mestrado em Gestão do Território da UEPG.

shown the link between the main actors in this complex, comprised of state, military and private companies through a case study of the antiviral TAMIFLU.

**Keywords:** Military-Industrial Complex; Biotechnology; Defense.

## Introdução

Presenciamos em 2009 noticiários acríticos acerca de uma possível pandemia de gripe global, e cujos conteúdos recheados de sensacionalismo causaram uma histeria na população mundial. Governos do mundo inteiro passaram a adquirir doses exacerbadas do único medicamento que seria capaz de combater o vírus dessa gripe. Na verdade sabemos que as indústrias farmacêuticas são as que mais faturam atualmente, mas como comprovar que essa escalada de lucros deve-se às ligações estreitas entre as empresas do setor e o governo e militares norte-americanos?

Investigamos as ligações de personagem pública conhecida nos EUA e no mundo, o ex-secretário de defesa do governo George Bush, Donald Rumsfeld, suspeito de facilitar o caminho de empresas farmacêuticas e de biotecnologia no meio militar e governamental norte-americano.

Primeiramente, será reconstruído histórica e geograficamente o evento da Guerra Fria, para apontar os avanços tecnológicos da corrida armamentista, e ainda, as mudanças políticas que levaram o presidente Dwight D. Eisenhower a afirmar que a democracia estava correndo perigo na América diante da insana corrida promovida pelos militares. É de Eisenhower o termo Complexo Industrial-Militar (CIM), para designar o processo de manipulação do orçamento do país para desenvolver mais armas (e guerras). Ainda no resgate histórico-geográfico, observa-se o papel das tecnologias de uso *dual* – de uso militar e civil – na superação norte-americana da crise capitalista de 1970-80.

Em seguida, desenvolve-se o argumento de que uma ramificação desse gigantesco complexo está em curso nas últimas décadas, sendo menor em estrutura, mas tão importante quanto o CIM, ao qual pretendemos chamar de Complexo Industrial-Militar-Farmacêutico (CIMF). Agora entram em cena as indústrias farmacêuticas e de biotecnologia, que em plena crise econômica e de hegemonia dos EUA, conseguem retornos financeiros exorbitantes.

## **O Contexto histórico-geográfico da Guerra Fria e o conceito de Complexo Industrial-Militar**

O termo Complexo Industrial-Militar surge, pela primeira vez, em meados da década de 1950, em pleno período do que a história convencionou registrar por Guerra Fria (1945-1991). No dia 17 de Janeiro de 1961, em seu famoso discurso de despedida da Presidência dos EUA, Dwight D. Eisenhower decidiu manifestar sua preocupação com a “nova fase do poder político” em seu país, especificamente com o poder de articulação entre os militares e a indústria bélica, capazes de manipularem o orçamento do país e, conseqüentemente, favorecer os projetos de construção de novas armas. Para Eisenhower, a democracia estava em perigo com a histórica corrida armamentista entre Estados Unidos e União Soviética, Hobsbawn reforça essa ideia quando ressalta que:

Os dois lados viram-se assim comprometidos com uma insana corrida armamentista para a mútua destruição, e com o tipo de generais e intelectuais nucleares cuja profissão exigia que não percebessem essa insanidade. Os dois também se viram comprometidos com o que o presidente em fim de mandato, Eisenhower, militar moderado da velha escola que se via presidindo essa descida à loucura sem ser exatamente contaminado por ela, chamou de “complexo industrial-militar”, ou seja, o crescimento cada vez maior de homens e recursos que viviam da preparação da guerra. (1995, p. 233).

O medo de uma nova grande guerra incitava as duas superpotências a investir pesado na indústria bélica, resultando num avanço tecnológico jamais visto no mundo. Parte dessas inovações tecnológicas foram usadas posteriormente pelos EUA como saída da crise das décadas de 1970-80 (FIORI, 2007).

Em linhas gerais, a maior preocupação de Eisenhower era quanto à manipulação do planejamento orçamentário do país para favorecer a construção de novas armas (LOTUFO, 2003), o que colocaria em risco a democracia liderada pela potência americana, que se auto-designava como defensora do “mundo-livre” (HOBBSAWN, 1995).

A corrida armamentista tornava-se cada vez mais acirrada, de modo que o aprimoramento das armas e equipamentos militares era constante. Um exemplo a ser citado é o caso do avião de espionagem norte-americano U-2, que Turner expressa de maneira triunfal: “antes de o U-2 entrar em ação, em 1956, as fotografias aéreas sempre haviam sido feitas com algum risco considerável para os pilotos. Voando a cerca de 70 mil pés, o U-2 parecia ser invulnerável a fogo antiaéreo” (2008, p. 105).

Esta divisão trouxe consequências por todo o mundo, a começar pela devastada Europa, cujos países tiveram que deixar para trás a fase dos impérios europeus para aceitar o papel de simples coadjuvantes nesse novo cenário. Os crescentes apelos a uma revolução social e o aumento gradativo de adeptos ao eurocomunismo, deixavam os EUA irrequietos, exigindo volumosas ajudas financeiras e militares para salvar a Europa Ocidental (HOBSBAWN, 1995). Já no continente africano, a descolonização europeia foi seguida da influência de EUA e URSS, ambos financiando armas para seus aliados, como os famosos fuzis *Kalachnikov* (russos) e os mísseis antiaéreos *Stinger* (EUA). Aliás, a primeira fase de escoamento da produção dos CIM's foi, justamente, para nutrir de armas as antigas colônias europeias. Essa foi a época em que o mundo obteve mais armas do que em qualquer outro período da história (HOBSBAWN, 1995).

No continente asiático, o contexto geopolítico inicialmente pendia para o lado comunista, onde um Japão devastado pela guerra permitia a influência do comunismo soviético. Na China, o êxito do comunista Mao Tsé-Tung reforçava o temor norte-americano. Assim, a Guerra da Coreia vai desenvolver enormemente a venda de armas naquele continente.

Na América Latina, a intervenção norte-americana nessa região ocorreu de forma mais sutil que na península coreana, de modo que: *“uma onda de regimes militares direitistas que começou a inundar grandes partes da América do Sul na década de 1960”* (HOBSBAWN, 1995, p. 429). O receio das elites locais e dos Estados Unidos de alastramento da revolução cubana pelo continente não poupariam nem mesmo governos eleitos democraticamente:

(...) o socialista Salvador Allende, foi eleito presidente em 1970, teve seu governo desestabilizado e, em 1973, foi derrubado por um golpe militar fortemente apoiado, talvez mesmo organizado, pelos EUA, que introduziram o Chile nos traços característicos dos regimes militares da década de 1970, execuções ou massacres, oficiais e para oficiais, tortura sistemática de prisioneiros e o exílio em massa de adversários políticos. (HOBSBAWN, 1995, p. 429).

Até esse momento, o excedente da produção de armas pelos CIM's teve, em grande parte, escoamento para os países periféricos. Entretanto, com a crise estrutural capitalista nas décadas de 1970-80, as tecnologias desenvolvidas começaram a ter uma funcionalidade *dual*, ou seja, aplicação militar e civil. Dagnino (2008) chama esta dupla funcionalidade como “efeito *spin-off*”, ocorrida principalmente da transposição de tecnologias de uso militar para uso civil.

Como observado por Eisenhower, os CIM's consumiam muito dinheiro dos cofres públicos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) de novas tecnologias para uso militar. No mesmo ano do discurso do ex-presidente norte-americano, a Revista Veja apresentava uma enquete onde os militares americanos pediram ao governo que, na década de 1970, o planejamento bélico do país dispusesse de mais de 100 bilhões de dólares, quase metade das despesas nacionais de 1969 (VEJA, junho de 1961)<sup>3</sup>. Para esse objetivo, os militares norte-americanos não titubearam em falsear os relatórios da inteligência norte-americana, dando a impressão de que os soviéticos estavam à frente na corrida armamentista, mesmo que essa posição fosse incompatível com os orçamentos da União Soviética (TURNER, 2008).

Como o avanço tecnológico se acelerava no interior do CIM, a saída foi aumentar as vendas e doações de armamentos bélicos de “tecnologia ultrapassada” aos países periféricos aliados. Na Somália, os problemas sociais se agravaram pelo fato de que o planejamento orçamentário do país era destinado ao financiamento de armas, fazendo com que a população permanecesse miserável e faminta. O Brasil recebeu empréstimos externos para ampliar seu arsenal bélico, em grande parte patrocinada pelos Estados Unidos, para combater guerrilhas que surgiam no país (HOBSBAWM, 1995). Situações que repetiram por quase todos os países do chamado terceiro mundo.

### **Conceito de hegemonia e a construção hegemônica dos EUA**

Para o realismo político, os Estados se movem pela noção de “equilíbrio de poder”, onde a busca por hegemonia traduz-se em estratégias geopolíticas e geoeconômicas. No conceito gramsciano de hegemonia, um grupo ou classe social inicia um processo de convencimento sobre o outro, exercendo uma liderança moral e intelectual, seguido da procura ao poder e, finalmente, se firmando no poder através da coerção (GRAMSCI, 2001).

A hegemonia mundial, atualmente exercida pelos Estados Unidos, se faz pela combinação entre “força-militar + força-econômica” (WOOD, 2003 *apud* GARCIA, 2010). Embora os sinais da pretensão hegemônica norte-americana remetam à Doutrina Monroe e à Guerra Hispano-Americana, foi com o fim da 2ª Guerra Mundial que substituiu definitivamente a Inglaterra na corrida pela supremacia mundial (HOBSBAWM, 1995).

---

<sup>3</sup> Disponível em [http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/guerras\\_eua/capas/materias/quanto\\_custa\\_isto.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/guerras_eua/capas/materias/quanto_custa_isto.html). Acesso em 12/09/2010.

Essa hegemonia no mundo ocidental ocorreu relativamente tranquila até a década de 70, quando a derrota dos EUA na Guerra do Vietnã e a primeira crise do petróleo (1973), quando os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) elevaram o preço do barril de petróleo ao quádruplo, ameaçaram a liderança norte-americana. Outros acontecimentos geopolíticos, como a revolução xiita iraniana e a invasão soviética no Afeganistão, agravaram a “crise da hegemonia” americana (FIORI, 2007).

Era preciso reinventar sua hegemonia em âmbito mundial, o que inicia pela desvalorização do dólar (reequilibrando a balança comercial com o Japão):

(...) a crise do dólar, no início dos anos 1970, não foi nenhum acidente nem foi uma derrota, foi o resultado de um período de sucesso econômico e foi também uma mudança planejada da estratégia econômica internacional dos Estados Unidos, feita com o objetivo de manter a autonomia da política econômica e preservar a liderança mundial da economia norte-americana. (FIORI, 2007, p. 85).

Fiori (2007) lista as estratégias desenvolvidas pelos EUA para sair da crise; entre elas, a substituição do padrão cambial dólar-ouro pelo padrão dólar-títulos da dívida externa norte-americana; venda desses títulos da dívida pública para outros países; e investindo os capitais obtidos da venda desses títulos no desenvolvimento de novas tecnologias a partir do CIM. Graças à demanda de alta tecnologia exigida pelos CIM's, esse desponta como a solução para a crise norte-americana e mundial.

### **A emergência do Complexo Industrial-Militar-Farmacêutico**

Mas os investimentos nos CIM's não ficaram apenas no campo militar, estendendo-se ao campo da biotecnologia. As armas biológicas têm um custo menor, podem ser facilmente transportadas e, em muitos casos, são mais devastadoras que as armas nucleares (MILLER; ENGELBERG; BROAD, 2002). Já no início da década de 1950, as duas potências iniciaram investimentos em P&D de armas biológicas e bacteriológicas. Nos Estados Unidos, laboratórios foram criados para a produção em massa desse novo tipo de arma, caso do laboratório na base militar de *Fort Detrick*, em Maryland (idem, 2002). Os estudos tiveram um avanço tão rápido que ainda no fim da década de 50, quando Fidel Castro tomou o poder em Cuba, os militares norte-americanos elaboraram um plano de invasão à ilha caribenha já contemplando o uso de armas biológicas, embora deixasse também a população civil da ilha vulnerável. Com isso, esperava-se justificar (o “retorno dos investimentos”) o orçamento do segmento biotecnológico-militar.

Mas nas décadas de 1970-80, ainda haviam outras alternativas mais lucrativas para auxiliar os EUA a saírem da crise e justificar as somas astronômicas no CIM. As tecnologias de uso *dual*, atreladas ao efeito *spin-off*, permitiram o desenvolvimento do computador e do GPS (Sistema de Posicionamento Global), que a princípio eram usados apenas pelos militares, mas que caíram nas graças da população civil por trazerem conforto e comodidade (HOBSBAWM, 1995).

Mas e o que fazer com todo o recurso investido na produção militar de armas biológicas e químicas? Para as empresas farmacêuticas e de biotecnologia, os militares e os políticos norte-americanos, a crise econômica da primeira década do século XXI poderia trazer a resposta.

### **Século XXI: nova crise, velhas saídas**

Alguns acontecimentos no cenário internacional atual apontam para uma nova crise estrutural capitalista, que se traduz numa crise econômica e de hegemonia nos Estados Unidos. Para José L. Fiori, esses elementos seriam, no caso latino-americano, a subida ao poder pelo voto democrático de governos de esquerda anti-imperialista, como a Venezuela de Hugo Chávez e a Bolívia de Evo Morales; a rejeição pela grande maioria dos países da região à ideia do bloco ALCA; e o fortalecimento do bloco econômico Mercosul. E em âmbito mundial, o fracasso na invasão norte-americana e da reconstrução de países como Iraque e Afeganistão e o encorajamento do desafiante chinês.

Esses obstáculos políticos aos Estados Unidos talvez possam ser interpretados como “efeito dominó” que se abate sobre o desempenho da própria economia norte-americana. Com o início do agravamento da atual crise, que ocorre a partir de 2008-2009, o número de bancos que abriram falência nos EUA chegou a 34, segundo a *Federal*

*Deposit Insurance Corporation* (FDIC)<sup>4</sup>. Até gigantescas empresas que tinham construído verdadeiros impérios globais anunciaram falência, como a *General Motors*, declarando necessitar perto de U\$\$ 15 bilhões para que pudesse se reestruturar<sup>5</sup>.

A sensação é de *dèja vu*, pois parece que os EUA retomam mecanismos usados nas décadas de 1970-80: venda de títulos da dívida pública para, através da capitalização, investirem em novas infraestruturas sociais (ênfase maior dos democratas) a nos CIM's (ênfase dos republicanos). Incentivando indústrias de novas tecnologias, os EUA esperam retomar seu crescimento econômico interrompido e sua hegemonia mundial, esta última pela migração de suas empresas nos países periféricos, afinal, a hegemonia não se faz apenas pela coerção, mas pelo convencimento.

Assim, o CIM apresenta o reforço de sua ramificação no setor biotecnológico, de aplicação também civil como denota os elevados lucros das indústrias farmacêuticas pela venda de quantidades exuberantes de medicamentos. Esses lucros são estimulados pela fabricação de histerias mundiais como a pandemia global da Gripe “A”, pânico facilitado pelo poder midiático onde as informações percorrem o mundo em velocidades inimagináveis.

### **A consolidação do Complexo Industrial-Militar-Farmacêutico**

A biotecnologia também teve avanços consideráveis no período da Guerra Fria, com elevados investimentos em P&D, que geraram “novas armas”. A questão central, mais cedo ou mais tarde, passaria a ser de como usar essa tecnologia militar em “produtos de uso civil”, de forma a garantir o lucro dos investimentos realizados.

No Senado norte-americano surgiu nos debates o termo “*material de biodefesa*”<sup>6</sup> para designar armas biotecnológicas pelo eufemismo material de defesa. Com efeito, as tropas americanas em território israelense receberam vacinas para prevenir um possível ataque de uma bactéria conhecida como *anthrax* (MOORE, 2004). Mas como a defesa envolve não apenas os militares em ação, mas o conjunto da sociedade nacional, o termo material de biodefesa pode envolver também medicamentos como o TAMIFLU, antiviral

<sup>4</sup>Disponível em [http://www.lawrei.eu/MRA\\_Alliance/?p=3103](http://www.lawrei.eu/MRA_Alliance/?p=3103) Acesso em 01/10/2020.

<sup>5</sup>Disponível em [http://portalexame.abril.com.br/degustacao/secure/degustacao.do?COD\\_SITE=35&COD\\_RECURSO=211&URL\\_RETORNO=http://portalexame.abril.com.br/negocios/m0163387.html](http://portalexame.abril.com.br/degustacao/secure/degustacao.do?COD_SITE=35&COD_RECURSO=211&URL_RETORNO=http://portalexame.abril.com.br/negocios/m0163387.html) Acesso em 05/10/2010.

usado para combater uma possível pandemia de gripe aviária e, posteriormente, também da gripe “A”<sup>7</sup>.

Em 2009 presenciamos uma *tsunami* de notícias referentes a uma possível pandemia global, que variavam desde a primeira morte pela nova gripe até seu rápido alastramento mundial. No Brasil, uma notícia anunciava: “*Gripe suína faz primeira vítima fatal em SP*” (VEJA ONLINE, 10/07/2010)<sup>8</sup>, e descrevia a precariedade do sistema público de saúde para enfrentar aquela “crise”, alegando a necessidade da compra de US\$ 900 milhões em medicamentos.

A mídia tem por função social repassar informações à população, entretanto a exatidão destas ou suas fontes raramente são colocadas sob suspeição quando produzidas a partir do *establishment* norte-americano. Num país como o Brasil, a grande mídia limita-se a poucas famílias que detêm o controle dos meios de comunicação, e “*a mídia cumpre um papel fundamental na formação cultural de um povo, nos padrões de sociabilidade que estabelecem como se relacionar com os demais e na afirmação de valores que sustentam regimes políticos*” (Le Monde Diplomatique, 05 de Agosto de 2009)<sup>9</sup>.

No caso específico da gripe “H1N1” e de uma possível pandemia global de gripe, simultaneamente ao “novo” tipo de vírus resistente aos antivirais existentes havia uma cura disponível pelo medicamento patenteado por uma única empresa e também produzido por apenas uma indústria transnacional, trata-se da indústria de biotecnologia *Gilead Sciences Inc.* e da Roche, respectivamente. Também simultaneamente, surgiram personagens bastante conhecidos por sua influência no governo de George Bush, caso do secretário de defesa Donald Rumsfeld, que fora presidente da *Gilead Sciences inc.* e constitui-se num dos maiores acionistas dessa empresa<sup>10</sup>.

### **Donald Rumsfeld, estadista e homem de negócios**

Donald Rumsfeld foi presidente da empresa de biotecnologia *Gilead Sciences inc.* No período entre 1997 e 2001, deixando o cargo para se tornar secretário de defesa do governo Bush. Esta empresa detêm os direitos de propriedade ou patentes do antiviral TAMIFLU. Rumsfeld teve grande parte de sua vida ligada a política, desde 1957 quando,

<sup>6</sup> Disponível em [www.senate.gov](http://www.senate.gov) Acesso em 02/10/2010.

<sup>7</sup> Disponível em [http://www.gilead.com/pr\\_783456](http://www.gilead.com/pr_783456) Acesso em 02/10/2010.

<sup>8</sup> Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/gripe-suina-faz-primeira-vitima-tatal-sp> Acesso em 05/10/2010.

<sup>9</sup> Disponível em <http://diplomatique.uol.com.br/editorial.php?edicao=26> Acesso em 02/11/2009.

aos 25 anos, chega ao Congresso como assistente; em 1962, é eleito deputado pelo Partido Republicano, e reeleito em 1964, 1966 e 1968. Em 1972, já era bastante respeitado também no meio militar, principalmente por sua posição firme contra o Tratado de Ratificação de Armas Estratégicas (SALT)<sup>11</sup> com a União Soviética, e em 1975, torna-se o mais jovem secretário de defesa do país.

No entanto, quando os democratas vencem as eleições, Rumsfeld se afasta temporariamente da política, dando maior atenção à empresa farmacêutica GD Searle (1977-85), que ganha prêmios importantes da área farmacêutica, como o *Outstanding Chief Executive Officer*. Entre 1980-81, atua como presidente da empresa ligada às tecnologias avançadas, a *General Instruments Corporation*. Em 1997, assume a presidência da empresa de biotecnologia *Gilead Sciences*, detentora da patente do TAMIFLU, da qual já era diretor desde 1988. Em 2001 desliga-se da empresa, quando retorna ao cenário político como secretário de defesa do governo Bush<sup>12</sup>.

Percebe-se que Rumsfeld foi um lobbista conhecido do cenário norte-americano, elo entre o meio político-militar e as empresas privadas. E o que acontece na América deste início de século XXI, repete a década de 1970, quando empresas privadas do setor de alta tecnologia usufruíram do dinheiro público para elevar seus lucros. Em 2005, o próprio Rumsfeld deixa isso claro em carta enviada ao senado norte-americano, quando ressalta que as tropas militares estacionadas pelo mundo deveriam ser vacinadas para evitar um possível contágio por armas biológicas. Esse “alerta” levou o senado norte-americano a criar um “*Fundo de Emergência a uma Possível Pandemia Global*”, com algo em torno de 7,1 bilhões de dólares para a compra do medicamento<sup>13</sup>.

Esse episódio ilustra com nitidez as possibilidades de fusão de interesses entre empresas de biotecnologia e meio político-militar na América. Em um único ano, os lucros da empresa *Gilead Sciences Inc.* praticamente quadruplicaram, de forma que se em 2004 o valor arrecadado chegava a 258 milhões de dólares, em 2005 sobe para U\$\$1 bilhão de dólares. E em 2009 esses lucros aumentaram ainda mais, apesar da crise econômica global, com as exportações do medicamento TAMIFLU sob o pretexto de prevenir uma possível pandemia global.

É inevitável o questionamento se não se repete a situação descrita por Eisenhower, com a democracia na América cedendo espaço para os militares e as empresas ligadas

<sup>10</sup> Disponível em [http://www.gilead.com/wt/sec/pr\\_933190157/](http://www.gilead.com/wt/sec/pr_933190157/) Acesso em 02/20/2010.

<sup>11</sup> Disponível em <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rumsfeld.htm> Acesso em 02/10/2010.

<sup>12</sup> Informações disponíveis em [http://www.gilead.com/wt/sec/pr\\_933190157/](http://www.gilead.com/wt/sec/pr_933190157/) Acesso em 02/10/2010.

<sup>13</sup> Disponível em [http://www.lawrei.eu/MRA\\_Alliance/?p=3333](http://www.lawrei.eu/MRA_Alliance/?p=3333) Acesso em 05/10/2010.

ao meio militar e político, inclusive com a manipulação do planejamento orçamentário do país em benefício próprio.

A *Gilead Sciences Inc.*, uma das mais novas empresas de biotecnologia, foi criada em 1987, com Michael Riordan à frente da empresa, com foco no desenvolvimento do tratamento do HIV, além de comercializar vários tipos de medicamentos contra gripes dos tipos “A” e “B”. Após anos de pesquisa e déficits no orçamento, a empresa consegue em 1991 um montante de U\$\$ 8,5 milhões em capital privado para desenvolver bloqueadores no combate ao câncer. Após 8 anos de pesquisa, em 1995 a empresa consegue colocar no mercado seu primeiro produto, o VISTIDE, medicamento que atua no tratamento de infecções nos olhos, onde foram consumidos em torno de U\$\$ 93 milhões. Na segunda metade da década de 1990, o crescimento da empresa é inegável, quando ocorre a primeira fusão com a Nexstar.

No período de 1998-2001 a empresa acumula um crescimento nas vendas que chega a 501%, e também a partir daí uma nova droga ganha as graças do mercado, o TAMIFLU, além da aprovação pelo órgão regulador norte-americano para inserção de um novo medicamento usado para o tratamento da AIDS conhecido como TENOFOVIR<sup>14</sup>. Mas com o tamanho dos mercados e dos lucros a serem gerados, a empresa percebe a necessidade de parcerias, conforme seu próprio site:

(...) a ameaça global de uma pandemia de gripe aviária em potencial tem desafiado os governos, as autoridades de saúde pública e a indústria farmacêutica se unir em parceria com o propósito de estabelecer um plano global de luta contra esta doença mortal. Além da desta ameaça, a gripe sazonal também aponta surtos e resulta em centenas de milhares de mortes anualmente em todo o mundo. E nesse momento a nossa disputa terminou com a Roche, em um esforço para trabalhar em conjunto, com a máxima diligência para resolver esta necessidade de saúde pública global (16/11/2005)<sup>15</sup>.

Assim, logo a fusão entre *Gilead Sciences* e Roche é anunciada também pelo site da empresa, onde ambas anunciam conjuntamente a produção e comercialização em massa do antiviral TAMIFLU. Aspecto que chama a atenção, é que as datas da fusão entre as empresas é anunciada em 16 de novembro de 2005 sendo que alguns meses antes, em julho o senado norte-americano cria um “*Fundo de emergência para Combate a uma Possível Pandemia Gripal*”, que beneficiava diretamente ambas as empresas, pois uma recebia os *royalties* e outra fabricava o antiviral TAMIFLU, respectivamente, *Gilead*

<sup>14</sup> Disponível em <http://www.fundinguniverse.com/company-histories/Gilead-Sciences-Inc-Company-History.html> Acesso em 05/10/2010.

<sup>15</sup> Gilead Sciences, Inc. Disponível em [http://www.gilead.com/pr\\_783456](http://www.gilead.com/pr_783456) Acesso em 02/10/2010.

*Sciences Inc.* e Roche (no senado norte-americano, formando a base e ajudando na disseminação do antiviral TAMIFLU)<sup>16</sup>.

Semelhante a *Gilead Sciences Inc.*, a Roche também produz medicamentos antivirais no tratamento da AIDS e de vários tipos de gripes. Entretanto, a empresa Roche é considerada uma das pioneiras no ramo da biotecnologia sendo, até 1997, a principal concorrente da norte-americana *Gilead Sciences Inc.*

Essa onda de fusões entre grandes companhias é uma das características mais marcantes do processo de globalização, marcando a nova fase do capitalismo, hegemonizada pelo capitalismo financeiro, e na qual as empresas deixam de lado a competição direta para explorarem novos mercados através do desenvolvimento de novas técnicas e da maximização das estruturas logísticas (SANTOS, 2007).

Com o discurso de hegemonia “benevolente”, os EUA querem manter sua posição privilegiada nesse novo padrão de acumulação de capital, usando-se inclusive de tecnologias pensadas como armas de guerra, cuja população mundial consome acreditando na elevação de seu “conforto e segurança” (DAGNINO, 2008).

### **Considerações Finais**

É inerente ao sistema capitalista e à lógica da competição interestatal a necessidade de acumulação de capital, em nome do lucro e do poder, e indiferente das consequências políticas, sociais e até morais que isso possa acarretar. Mas o sistema capitalista apresenta crises cíclicas, quando as taxas de lucro advindas das infraestruturas e tecnologias produtivas existentes esgotam seu potencial de realização.

Daí que em momentos de grandes guerras, surgem oportunidades de novos investimentos para a reconstrução das infraestruturas produtivas e sociais destruídas. Assim, uma parte substancial do conforto dos dias de hoje foi alcançada a partir dos investimentos feitos durante o período pós-guerra.

Outro momento propício para a realização de novos investimentos é pela via da criação artificial de necessidades, caso dos mais de 40 anos de Guerra Fria, quando foram desenvolvidos o celular, a internet, o GPS, etc. Mas foi preciso uma crise econômica profunda nos anos 70-80 para que os EUA alcançassem apoio internacional para ampliar a centralização de capitais e dar um uso civil para tecnologias que eram de uso exclusivo dos militares.

<sup>16</sup> Disponível em [http://www.gilead.com/pr\\_783456](http://www.gilead.com/pr_783456) Acesso em 02/10/2010.

Agora que enfrentamos outra crise econômica e de hegemonia profunda, produtos de uso militar desenvolvidos por laboratórios públicos e privados de biotecnologia podem representar outra fonte de lucros para as empresas farmacêuticas. Neste artigo, foi apresentado apenas um caso de ligação íntima entre políticos, militares e empresas privadas, mas que bem pode ser indicativo de novos *lobbies* no coração da democracia ocidental.

## Referências

DAGNINO, Renato. **Em que a economia de defesa pode ajudar nas decisões sobre a revitalização da Indústria de Defesa brasileira.** Revista Oikos, Rio de Janeiro, nº 9, ano VII, 2008, pp. 113-137.

FIORI, José L. **A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul.** Revista Oikos, Rio de Janeiro, nº 8, ano VI, 2007, pp. 77-106.

GARCIA, Ana Saggiaro. **Hegemonia e Imperialismo: Caracterizações da ordem mundial capitalista após a II Guerra Mundial.** Revista On line Trabalho Necessário, nº 8, ano 10, 2010, pp. 1-20.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HOBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. **O funil da informação.** Por Silvio Caccia Bava. Ano 3, nº25, 05 de Agosto de 2009. Disponível em <http://diplomatieque.uol.com.br/editorial.php?edicao=26&PHPSESSID=726ce1cea7ec25bc237a594352cb438c> Acesso em 02/11/2009.

LOTUFO, Paulo A. **Porque conter o complexo médico-industrial-midiático.** Disponível em [http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/cfm/2000/1595\\_2000.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/cfm/2000/1595_2000.htm) Acesso em 02/11/2009.

MARX, Karl. **Salário, preço e lucro.** Informe pronunciado por Marx nos dias 20 e 27 de junho de 1865 nas sessões do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores. Disponível em <http://www.culturabrasil.org/zip/salarioprecoelucro.pdf> Acesso em 02/11/2009.

MILLER, Judith; ENGELBERG, Stephen; BROAD, William: **GERMES: As Armas Biológicas e a Guerra Secreta da América.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

MOORE, Michael. **Cartas da Zona de Guerra: Algum dia voltarão a acreditar na América?** São Paulo, Francis, 2004.

OLIC, Nelson Bacic. **Geopolítica da América Latina**. São Paulo, Moderna, 1992.

RACY, Joaquim Carlos; SIBERFELD, Jean-Claude E; **Defesa Nacional: Complexo Industrial-Militar e Mobilização Industrial**: Apontamentos para a Mobilização Nacional. Revista de Economia Mackenzie, Universidade Presbiteriana Mackenzie, nº3, ano III, 1998, pp. 53-71.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TURNER, Stansfield. **Queime antes de ler: Presidentes, Diretores da CIA e Espionagem Internacional**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

### Referências eletrônicas

**A corrida tecnológica - como a Guerra Fria impulsionou a ciência**. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/guerra/guerra07.htm> Acesso em 01/10/2010.

**Atualidades da Guinada da Esquerda na América Latina**. Disponível em <http://br.monografias.com/trabalhos2/ascencao-governos-esquerda/ascencao-governos-esquerda3.shtml> Acesso em 01/20/2010.

**Biografia de Donald Rumsfeld**. Disponível em <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rumsfeld.htm> Acesso em 02/10/2010.

**Chemicals that changed the world: Tetracycline's lasting imprint on antibiotic fabrication**. Disponível em <http://thevarsity.ca/articles/24651> Acesso em 02/10/2010.

**Donald H. Rumsfeld Named Chairman of Gilead Sciences**. Disponível em [http://www.gilead.com/wt/sec/pr\\_933190157/](http://www.gilead.com/wt/sec/pr_933190157/) Acesso em 02/10/2010.

**EUA: 25 bancos faliram em 2008 e nove já fecharam desde Janeiro**. Disponível em [http://www.lawrei.eu/MRA\\_Alliance/?p=3103](http://www.lawrei.eu/MRA_Alliance/?p=3103) Acesso em 01/10/2010.

**Gilead and Roche End Tamiflu® Dispute; Expanded Collaboration Includes Gilead Role in Oversight of Manufacturing and Commercialization**. Disponível em [http://www.gilead.com/pr\\_783456](http://www.gilead.com/pr_783456) Acesso em 02/10/2010.

**Movimentos sociais iniciam reflexão**. Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/10/332310.shtml> Acesso em 01/10/2010.

**Revista Veja On Line**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/saude>  
[http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/guerras\\_eua/capas/materias/quanto\\_custa\\_isto.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/guerras_eua/capas/materias/quanto_custa_isto.html) Acesso em 11/09/2010.

**Recebido em abril de 2012.**  
**Publicado em maio de 2012.**